

## ASSIM VAI A CAMPANHA

por Mário Soares

Estamos na fase final da campanha para as eleições legislativas. Outras se seguirão. No próximo dia 27 teremos que ir votar, uma obrigação cívica irrecusável. Talvez, como nunca. Os meios de comunicação não falam de outra coisa, mesmo o futebol passou a segundo lugar, como é natural. Mas acho que, em geral, não têm ajudado, suficientemente, o esclarecimento dos eleitores. Tem havido insinuações malévolas e infundadas, recriminações e exageros, conforme as simpatias, comentadores televisivos, quase sempre os mesmos, bastantes parciais, sondagens prudentes, para lhes não acontecer o mesmo que nas europeias, em que se enganaram e debates entre os líderes dos partidos, com assento na Assembleia, a dois a dois, sem que se oiçam os outros candidatos, mesmo os cabeças de listas dos círculos que mais pesarão, pelo volume dos votos, nos resultados eleitorais.

Os temas dos debates limitaram-se, quase exclusivamente, aos ataques cruzados dos quatro partidos da Oposição ao actual Partido do Governo, que necessariamente o vitimizou, o que não costuma agradar aos portugueses.

Falou-se da economia pela rama e, sobretudo, com uma visão voltada para o passado. O que se passou no Governo de Sócrates e o que este terá encontrado nos anteriores Governos de Durão Barroso e Santana Lopes, em que Manuela Ferreira Leite participou, como ministra das Finanças no primeiro.

Falou-se, igualmente, de problemas importantes como: da Segurança Social, da Educação (principalmente explorando a zanga dos professores) e do Serviço Nacional de Saúde, tema importantíssimo. Serviço que foi iniciativa de um Governo socialista, diga-se, em que António Arnaut participou e que criou, como um livro que acaba de publicar - cuja leitura recomendo - demonstra amplamente. Muitos se lhe opuseram na altura. Manuela Ferreira Leite parece que se terá esquecido disso ou, dou-lhe o benefício da dúvida, talvez não soubesse. Como, aliás, tudo o que os sucessivos governos presididos por socialistas fizeram em matéria de políticas sociais. Ninguém fez mais...

Falou-se também, de "asfixia democrática", frase insólita, que Ferreira Leite continuou a reafirmar, mesmo depois de ter estado na Madeira a aplaudir a democracia madeirense, como modelo. Politicamente, parece não ter sensibilidade, para que isso a atralhe. Será que tenciona aplicar a receita madeirense, se ganhar as eleições e for Governo? A Esquerda que se acautele e não brinque em serviço. Aqui o voto útil, por mais que se não goste dele, faz muito sentido.

O que é mais curioso é que, até agora, pouco se falou do futuro, o único tema que verdadeiramente preocupa os portugueses. E o pior é que já não há mais debates televisivos. A pequena crise que se viveu em 2003 - por razões internas e más políticas - não pode comparar-se, de nenhuma maneira, à crise global em que nós, a Europa e o Mundo estamos hoje mergulhados. É uma comparação que não resiste à mínima análise. Ora disso - da crise actual, repito - praticamente, não se falou.

Falou-se do desemprego crescente, é verdade, da influência nefasta da crise nas micro, pequenas e médias empresas. Mas trata-se de consequências. Não das causas da crise. Ora é isso que interessava debater. Claro que as empresas são grandes criadoras de emprego e estão em situação muito difícil - que o Estado (não, obviamente, os privados) - tem ajudado bastante e terá que apoiar ainda muito mais. Como se fará isso, se a Direita ganhar, querendo - como diz querer - menos Estado e menor intervenção? Que se deixe funcionar a mão invisível do mercado? Será que a maioria dos trabalhadores e das classes médias baixas, os mais atingidos, não compreendem esse tremendo risco? É, no entanto, vital que compreendam que, nestas eleições, se joga o futuro, dos próximos anos, dos portugueses. Por isso, antes de votar, há que ponderar e fazer a escolha a pensar o que aí pode vir.

É preciso mudar de paradigma ou de modelo económico. Barack Obama disse-o e, quanto a mim, muito bem. Os europeus fizeram orelhas moucas, salvo honrosas excepções. Parecem querer que mude o menos possível, para que tudo fique na mesma. Não é possível. Nos debates, ninguém parece ter-se atrevido a falar do novo paradigma e a explicar as suas ideias e políticas para tanto. Ferreira Leite disse que é preciso mudar, é certo, nas não disse como, em que direcção, nem com que políticas! Limitou-se a ser, como se sabe, dona da verdade. Isso parece bastar-lhe... Portas, com jogo de cintura

e alguma inteligência, escapou ao tema. Nos debates a que assisti o que teve com Louçã foi dos poucos que não vi. Parece ter ganho Portas, a acreditar nos comentaristas. Louçã, pelo contrário, não foi feliz nos debates, ao contrário do que se esperava. Também perdeu, obviamente, com Sócrates. Esse vi, com atenção. Quanto ao novo paradigma, Louçã falou com tal entusiasmo das nacionalizações, que parece não ter aprendido nada com o PREC nem com o colapso da URSS... Apesar de ser mais trotsquista que outra coisa, visto repudiar o maoísmo e, sobretudo, o estalinismo. Fiquei surpreendido. Deu um tiro no próprio pé.

Jerónimo de Sousa não ganhou nenhum debate, mas talvez não fosse essa a sua intenção. Limitou-se a repetir a cartilha, para os seus eventuais votantes, com a simpatia e a moderação que lhe é habitual.

Sócrates, pelo contrário, ganhou os debates em que participou, na minha opinião, e vi-os todos com atenção. Talvez seja suspeito, como socialista, mas procuro ser isento. Acho que deu uma imagem de contenção e cortesia com o adversário, apesar de algumas provocações que lhe foram feitas. Mostrou um conhecimento profundo da situação do país. Aprendeu com a crise e estudou a fundo os dossiers. Os portugueses devem perceber que é hoje um homem diferente da imagem que dele tinham. Não é um "animal feroz", como se auto-intitulou, nem arrogante, como lhe chamaram, com alguma razão, e sem ela, como lhe chamam ainda.

Sócrates aprendeu muito nestes quatro anos: amadureceu, alargou a sua visão da Europa e do Mundo, com a Presidência Portuguesa e com a crise global, é hoje um político diferente, mais competente, com enorme experiência e conhecimento

da política e dos homens públicos. As dificuldades, levaram-no a informar-se e a reflectir, tornaram-no mais dialogante, mais humano, mais próximo dos desfavorecidos e dos que sofrem. Não hesito em afirmar que não vejo nenhum outro político, no horizonte português actual, melhor apetrechado e mais preparado para vencer a crise. E é essa a escolha que se deve fazer nas eleições do próximo dia 27, em tempo de crise que - atenção - está longe de ter passado.

2. A questão da governabilidade é outro problema sério de que só agora se começou a falar. Naturalmente se não houver, como parece provável, nenhuma maioria absoluta, como até agora. Quem vai ganhar em termos de maioria relativa? As sondagens

dão um empate técnico entre os dois grandes partidos, uma subida (menor do que pensam) do Bloco de Esquerda e mais ou menos o mesmo para a CDU e o PP. Se assim for, como as coligações parecem impossíveis, como a Dr<sup>a</sup>. Ferreira Leite repetiu no último debate, a hipótese mais normal parece ser um governo de maioria relativa, do PS ou do PSD.

Não creio que daí resulte nenhuma tragédia, embora como socialista gostasse que fosse o PS a ganhar. Aliás governei cerca de dois anos em minoria - no primeiro Governo Constitucional - com algumas dificuldades, é certo, que se foram superando. E o Governo caiu porque desafiei os partidos da Direita - PPD e CDS - e o PCP, propondo ao Parlamento uma moção de confiança. Todos votaram contra, como se lembram, Direita e Esquerda reunidas. Uma experiência que merece ser recordada.

Haverá crise de governabilidade, aí sim, se for o PSD a ganhar, com ou sem o apoio do PP. Porquê? Porque há uma maioria sociológica de Esquerda no País, que não se entende para governar e facilmente se pode unir - no Parlamento e na rua - contra um governo de Direita em exercício. Principalmente em tempo de crise grave, havendo forte descontentamento social, como parece provável. Oxalá me engane. Porque a ingovernabilidade, em tempo de crise, implica um agravamento da crise.

3. A transladação dos restos mortais de Jorge de Sena, não foi o "regresso do indesejado", como disse Eduardo Lourenço, mas foi incompreensivelmente tardia, visto que estava sepultado em Santa Bárbara, na Califórnia, desde 1978. Foi trazido por sua dedicadíssima viúva, Mécia de Sena, como disse o ministro da Cultura António Pinto Ribeiro, que presumo ter dado bastante apoio.

Jorge de Sena foi, incontestavelmente, um dos maiores escritores portugueses do séc. XX - o seu romance "Sinais de Fogo" ombreia, a meu ver, com alguns dos mais consagrados romances do mesmo período, como: a "Casa do Romarigães", de Aquilino, "A Selva", de Ferreira de Castro, "O Milagre segundo Salomé", de José Rodrigues Miguéis, "Mau Tempo no Canal", de Vitorino Nemésio e "A Abelha na Chuva", de Carlos de Oliveira. Foi um notável poeta, um universitário e grande referência da língua portuguesa na América e um extraordinário intelectual e homem de cultura, como a sua vasta obra documenta. Infelizmente nunca quis regressar a Portugal ninguém lho propôs ou se o fez, não lhe garantiu as condições materiais necessárias. Tinha uma família numerosa.

Conheci Jorge de Sena por altura da chamada revolta da Sé, a seguir à Campanha de Delgado, pela mão de Francisco Sousa Tavares. Ambos estiveram envolvidos na revolta. Sena era um anti-situacionista coerente e foi no rescaldo da fracassada revolta da Sé, que partiu para o exílio. Só voltou a Portugal episodicamente, mesmo depois da Revolução dos Cravos. Nunca tive qualquer intimidade com ele, embora tivéssemos conversado bastante numa das suas vindas a Portugal numa cerimónia do dia 10 de Junho em que foi conferencista. Era um homem reservado, de temperamento difícil. Os seus maiores amigos, como Sophia, Francisco Sousa Tavares e alguns outros, próximos, reconheciam isso.

A cerimónia da trasladação dos seus restos mortais revestiu-se de grande dignidade. Infelizmente, eu estava fora do País e não pude comparecer. Mas a minha Mulher esteve e representou-me, seguramente, com vantagem.

Lisboa, 15 de Setembro de 2009